A Santa Mãe sobre Os Problemas Humanos

Swami Chetanananda

Uma vez, perguntei ao Swami Ishanananda, um discípulo e atendente da Santa Mãe: “Swami, você viveu com a Mãe por quase onze anos. Poderia me contar qual a diferença entre ela e as outras mulheres de nossas famílias?”. O Swami pensou um pouco e então respondeu: “Você já viu alguma mulher em sua vida que seja desprovida de desejo? A Mãe era completamente sem desejos. Veja, os seres humanos têm desejos e apenas Deus é sem desejos. Ela era uma Deusa”. Quando um ser divino nasce como ser humano, Ele ou Ela age como ser humano. Tradicionalmente, a vida da mulher passa por quatro etapas: filha, irmã, esposa e mãe. A Santa Mãe preencheu cada um desses papéis com perfeição. Ela era, de fato, um ideal universal da feminilidade.

Às vezes, algumas mulheres vêm a mim com seus problemas. Eu digo para elas: “Quantos problemas você tem? Leia a vida da Santa Mãe e verá quantos problemas Ela tinha e como os enfrentou. Tenho certeza que se comparado às dificuldades dela, seu problema é insignificante. Você está passando por problemas apenas com uma família, Ela se deparava com inúmeros problemas de centenas de famílias. Ela sofreu por pobreza, doença e perdas, foi destratada por seus parentes e aguentou a loucura de

sua cunhada, da sobrinha Radhu e de alguns devotos. É maravilhosa a maneira com a qual Ela lidava com todos aqueles problemas calmamente, com amor e compaixão, paciência e perseverança. Precisamos aprender com Ela como resolver os problemas humanos”.

i. Problemas de adaptação às circunstâncias:

Temos tantos atritos e desentendimentos entre nós que perdemos nossa paz de espírito, e às vezes sofremos com medo e ansiedade. A maioria dos nossos problemas acontece devido à falta de comunicação e fé um com o outro. Podemos resolver muitos de nossos problemas através da franqueza, humildade e nos adaptando para caber nas circunstâncias. Sri Ramakrishna ensinou à Santa Mãe: “Por favor, adeque-se de acordo com o momento, o lugar e a pessoa”.

O quartinho da Santa Mãe no Nahabat, em Dakshineswar, era octogonal: seu comprimento e largura eram de 2,4m, a altura de 2,8m, a porta de 0,66m com altura de 1,27m[1]. Muito provavelmente, a Mãe tinha por volta de 1,67m de altura, e Ela tinha que passar por aquela porta tão baixa. Ela se recordava: “A porta do Nahabat era tão baixa no começo que eu batia a cabeça no batente de cima. Um dia, cortei a cabeça. Depois fiquei acostumada. A cabeça se virava sozinha assim que eu chegava perto da porta”.

Quando Ela morou no Nahabat, não havia banheiro ou qualquer tipo de instalação disponível, além disso, o jardim do templo era um local público e não havia privacidade para as mulheres. A Santa Mãe era extremamente tímida e recatada. Ela se mantinha com um véu para que ninguém que Ela não conhecesse pudesse ver seu rosto. Durante as horas escuras da manhã, Ela ia para a pequena

[1] No original, as medidas são dadas em polegadas.

selva na margem do Ganges para atender ao chamado da natureza e depois tomava banho no rio. Uma vez, bem cedo na escuridão da manhã, Ela quase pisou num jacaré. Mais tarde, Ela relembrava sua situação: “Sofri muito por reprimir a vontade do chamado da natureza e por isso adquiri um problema físico. Apenas nas horas escuras da noite eu podia ir”. Que desconforto! Mais tarde, Yogin-Ma (uma devota do Mestre), percebendo sua situação, fez com que fosse construído um banheiro perto do Nahabat. A Santa Mãe passou por tais dificuldades para servir o Mestre.

Uma tarde, quando a Mãe tinha por volta de vinte e quatro anos, Ela estava voltando para Dakshineswar com algumas pessoas, mas não conseguiu acompanhá-las. Ela estava exausta e por isso teve que atravessar sozinha um campo em Telo-Bhelo. Quando foi abordada por um ladrão, Ela não conseguiu correr ou gritar por socorro, nem sequer poderia lutar com ele ou suborná-lo. Como Ela se adaptou destemidamente e com tato! Ela imediatamente estabeleceu uma relação com ele ao dizer: “Pai, sou sua filha, Sarada. Meus companheiros me deixaram para trás. Talvez eu esteja indo para a direção errada. Seu genro mora no templo de Kali, em Dakshineswar. Estou indo para lá. Por favor, acompanhe-me até lá. Ele com certeza apreciará muito sua gentileza e te tratará com cortesia”. De que maneira maravilhosa Ela tornou aquele ladrão seu!

Com relação às relações interpessoais, o Mestre disse para Hriday

(seu sobrinho): “Você deve ter paciência comigo, e eu devo ter paciência com você, assim, tudo ocorrerá bem. De outro modo, teremos que chamar o gerente para tratar de nossas diferenças”. A Mãe aprendeu esta bela característica com o Mestre. Seu inegoísmo, amor, doçura e modéstia conquistavam as mentes das pessoas imediatamente.

Swami Ishanananda nos contou essa história maravilhosa sobre a presença mental da Mãe, seu forte bom senso e a habilidade de se ajustar de acordo com o momento e a situação.

“Era o inverno de 1919. A Santa Mãe foi de Calcutá para Vishnupur de trem e depois, usando seis carros de boi, foi para Koalpara. A caminho, paramos em Jaipur (pouco mais de doze quilômetros de Vishnupur) e começamos a cozinhar em uma pousada à beira da estrada. O cozinheiro começou a preparar o dal. A Mãe estava feliz ao ver os preparativos. Ela lavou as mãos e os pés no lago próximo e depois ajudou a cortar os legumes. A maior parte da comida estava feita quando o cozinheiro quebrou a panela de barro com o arroz enquanto removia um pouco da água a mais. O arroz cozido se espalhou pelo chão. O que fazer? Estávamos em um dilema. Pensamos que se comprássemos outra panela para cozinhar mais arroz, ficaria muito tarde para chegar a Koalpara, e além disso, a estrada não era segura. Ainda tínhamos que atravessar vinte e dois quilômetros.

A Mãe não se aborreceu nem um pouco. Lentamente, Ela removeu a parte mais molhada e recolheu o arroz que estava por cima.

Então Ela lavou as mãos, tirou um retrato do Mestre de dentro de sua caixa de lata e o colocou em cima da lata. Ela pegou uma folha de shorea, colocou um pouco de arroz, dal e legumes nela, e depois a colocou na frente do Mestre. Com as mãos postas, Ela rezou: ‘Mestre, você preparou esta comida para nós hoje. Por favor, coma rápido enquanto ainda está quente’.

Ao notarmos o comportamento não convencional da Mãe, começamos a rir. A Mãe então nos disse: ‘Vejam, deve-se agir de acordo com o momento. Agora, todos vocês sentem e eu vou servir a comida’. As companheiras da Mãe e nós sentamos no chão. Ela pegava o arroz com uma concha de madeira da parte de cima do monte de arroz e colocava em nossos pratos de folha um após o outro, e depois colocava os outros itens. Ela também se serviu do mesmo jeito e começou a comer, estendendo as pernas. Ela comentou: ‘A comida está uma delícia’. Apressadamente, terminamos o almoço, arrumamos as malas e continuamos a viagem. Chegamos ao Ashrama de Koalpara às onze da noite.”

ii. Problemas na vida espiritual

Um discípulo monástico da Mãe estava passando por um período ruim, “a noite escura da alma”. Ele parou de visitá-la, ainda que morasse apenas a algumas quadras da casa da Mãe em Udbodhan. Finalmente, ele escreveu uma carta para a Mãe pedindo para que Ela pegasse de volta o mantra que tinha dado a ele. A Mãe mandou chamá-lo. Quando ele chegou, Ela disse: “Veja, filho, o sol fica alto no céu e a água permanece na Terra. A água grita para o sol pedindo: ‘Ó Sol, por favor, me leve para cima’? É da natureza do sol levar a água para cima na forma de vapor. Eu te certifico que você não terá que praticar nenhuma disciplina”. Que certificação! Isso se parece com o “poder do advogado” que Sri Ramakrishna aceitou de Girish Gosh.

Como nossas mentes são agitadas, não conseguimos obter a paz. Isso é um problema universal. Com grande angústia, um discípulo reclamou para a Mãe: “Mãe, remova minha agitação interna ou retire o mantra”. Ela ficou tão tocada pelo sofrimento de seu discípulo que seus olhos ficaram cheios de lágrimas, e Ela falou ardentemente: “Tudo bem, você não terá que repetir mais o mantra”. Tais palavras o assustaram, ele pensou que sua relação com Ela tinha acabado para sempre. Com ansiedade, ele disse: “Você tirou tudo de mim! O que vou fazer agora? Isso quer dizer que vou para o inferno?”. A Santa Mãe disse com a voz agitada: “O que você diz? Você é meu filho, como poderia ir para o inferno? Aqueles que são meus filhos já estão livres. Nem mesmo a

Providência poderá mandá-los para o inferno”.

Muitos aspirantes sofrem com dúvida e confusão na vida espiritual. Swami Basudevananda teve o mesmo problema. Ele relembrava: “Uma vez, voltei para Udbodhan vindo de Noakhali (agora em Bangladesh), após conduzir um serviço de assistência. Perguntei à Mãe: ‘Algumas vezes fico confuso e não encontro ninguém por perto para perguntar minha dúvida. O que devo fazer então?’. A Mãe respondeu: ‘Mantenha uma figura do Mestre sempre com você, e pense que Ele está com você e cuidando de você. Se tiver qualquer pergunta, reze para Ele. Você verá que Ele te mostrará a solução em sua mente. Ele está sempre dentro de você. Devido à mente ser extrovertida, as pessoas não olham para dentro. Elas o procuram do lado de fora. Quando você reza por algo, e se isso for absolutamente necessário para você, você encontrará a resposta chegando como um lampejo. Se qualquer pessoa rezar ao Mestre com todo o coração, Ele ouvirá e preparará tudo de acordo. É necessário dizer algo vinte vezes a um cavalheiro?’.”

iii. Problemas ao controlar a mente

A diferença entre uma pessoa sã e uma insana é a de que uma pessoa sã tem controle sobre suas emoções e uma pessoa insana não tem. É fácil controlar uma mente pura. A Mãe sugeriu vários métodos para discípulos diferentes. Ela dizia: “Meu filho, esta mente é como um elefante selvagem. Ela corre com o vento. Por isso, deve-se discriminar o tempo todo. Deve-se trabalhar duro para a realização de Deus”.

Discípulo: “Não consigo concentrar minha mente durante a meditação. Minha mente fica inconstante e instável.”

Mãe: “Não se preocupe. A agitação é a natureza da mente, assim como é também dos olhos e ouvidos. Pratique regularmente. O Nome de Deus é mais poderoso que os sentidos. Sempre pense no Mestre, que está cuidando de você. Não se aborreça com seus lapsos.”

Discípulo: “Por mais que eu tente remover os pensamentos ruins, não sou bem sucedido.”

Mãe: “Isso é resultado do que você fez na vida passada. Pode-se livrar-se disso à força? Cultive a boa companhia, tente ser bom e no tempo certo você será bem sucedido. Reze ao Mestre. Eu, também, estou aqui.”

“Não tenha medo. Te digo que nesta Kali Yuga, o pecado mental

não é um pecado. Liberte sua mente de todas as preocupações com relação a isso. Alguém consegue destruir totalmente a luxúria? Um pouco dela resiste enquanto durar o corpo. Mas ela pode ser subjugada, assim como uma cobra é subjugada pelo pó enfeitiçado."

Às vezes, a Mãe inspirava seus discípulos ao contar como Ela havia praticado sadhana. Ela dizia: "Nos dias de luar, eu olhava para a lua e rezava: 'Que minha mente seja pura como os raios da lua! Ó Senhor, há manchas até mesmo na lua, mas faça com que a minha mente seja absolutamente sem manchas'".

"Quando eu estava em Vrindavan, costumava visitar Bankubihari (Krishna em uma pose curvada) e rezar para Ele: 'Sua forma é curvada, porém Sua mente é reta. Senhor, que não haja nada torto em minha mente'."

iv. Problemas na vida de chefe de família

Algumas pessoas perguntam se a vida de casado é antagônica à vida espiritual. Muitos Rishis antigos eram casados, e também avataras como Rama, Krishna, Chaitanya e Ramakrishna. O *Tantra Mahanirvana* diz: “Os chefes de família devem conectar suas vidas com Brahman e tentar realizá-Lo. Qualquer ação que fizerem, seus resultados devem ser oferecidos a Brahman”. Ramakrishna e a Santa Mãe tinham tanto discípulos monásticos quanto chefes de família. Eles ajustavam seus ensinamentos para cada indivíduo e demonstravam que cada caminho leva ao mesmo objetivo.

Um jovem, por renúncia temporária, expressou sua relutância em casar. A Mãe disse para ele: “Por que isso? Deus criou as coisas em pares - dois olhos, dois ouvidos, duas pernas - e também o homem e a mulher”. Para alguém hesitante com relação ao casamento, a Mãe dizia: “Por que não se pode levar uma boa vida sendo casado? Apenas a mente é tudo. O Mestre não casou comigo?”.

“Os chefes de família não precisam ter renúncia externa. Eles terão renúncia interna espontaneamente. O Mestre dizia: ‘Deve-se praticar o autocontrole após o nascimento de um ou dois filhos’. O progresso espiritual vem de maneira mais fácil para marido e esposa que concordam sobre as práticas espirituais.”

Com relação a ganhar dinheiro e acumular, a Mãe dizia: “Você tem sua esposa e filhos. Deve reservar algo para eles. Além disso, você

também poderá servir as pessoas santas. A casa é do Senhor, e seja lá em qual função Ele tenha te colocado, você deve fazer o seu melhor e executá-la bem. Se tristezas e problemas te assolarem, chame o Mestre e Ele te mostrará o caminho”.

v. Problemas na vida monástica

A Santa Mãe, assim como Ramakrishna, sempre manteve o ideal da renúncia diante de seus discípulos monásticos. A vida monástica não é um caminho fácil. Quando os monges iam até a Mãe com seus problemas, Ela os advertia: “O Mestre dizia: ‘Ó, Sadhu, atenção!’. Os Sadhus devem estar sempre alerta. O caminho de um Sadhu é sempre escorregadio. Quando se está em um chão escorregadio, deve-se andar com muito cuidado. É brincadeira se tornar um Sannyasin? Se quisesse, ele (o renunciante) poderia ter casado e vivido a vida de um chefe de família. Agora que vocês abandonaram tais intenções, a mente não deve pensar em tais assuntos. Aquilo que foi cuspido não pode ser comido de novo. O manto ocre de um Sadhu o protege como a coleira de um cachorro o protege do perigo. Ninguém destrata um cachorro que está com coleira, já que obviamente ele pertence a alguém. Todos os portões se abrem para um Sadhu. Ele tem acesso a todos os lugares”.

Desejo e ouro são Maya. Não é fácil superar Maya. Assim como uma amorosa mãe, Ela dizia aos monges enfaticamente: “Um monge não deve diminuir o ideal da renúncia. Ainda que uma imagem de madeira de uma mulher esteja no meio da estrada, ele não deve se virar em direção a ela, nem mesmo com a ponta dos pés, para olhar para ela”.

“É extremamente perigoso para um monge possuir dinheiro. Não há nada que seja impossível para aquelas peças redondas

fazerem, até mesmo colocar a vida em perigo.”

“Um monge deve cortar todas as correntes de Maya. As correntes de ouro aprisionam tanto quanto as de ferro. Um monge não deve ter apegos.”

vi. Problemas variados na vida humana

Após Ramakrishna ter falecido, a Mãe conduziu o sacerdócio dele por trinta e quatro anos. Ela era uma mulher de aldeia sem qualquer educação formal, porém Ela ajudou inumeráveis pessoas e resolveu os problemas delas através de seu amor e compaixão, paciência e tolerância, sabedoria divina e praticidade. Os discípulos do Mestre aceitavam as instruções dela sem questionar. Quando Swami Vivekananda entrou em um dilema a respeito de sua viagem ao Ocidente, ele escreveu para a Mãe buscando conselhos. Ela pediu para ele ir. Os discípulos sabiam que a Mãe e o Mestre eram o mesmo.

Alguns monges que não se encaixavam nos centros e outras pessoas que tinham problemas mentais tomavam refúgio na casa da Santa Mãe. Por exemplo, sua cunhada, Surabala, era louca, e sua sobrinha, Radhu, também não era normal. É muito surpreendente a maneira como Ela lidava com todas essas personalidades diferentes com seu amor e compaixão.

Um dia, uma devota mordeu o dedão do pé da Mãe enquanto se despedia dela. A Mãe deu um grito: “Deus amado! Que tipo de devoção é essa? Se você quer tocar meus pés, por que não o faz? Por que mordeu meu dedo?”. A devota respondeu: “Quero que você se lembre de mim”. “Com certeza!”, respondeu a mãe, “eu nunca vi algo assim para me fazer lembrar de um devoto”. Uma outra vez, um devoto saudou a mãe batendo do dedinho dela com a testa de maneira tão violenta que ela gritou de dor. Os que

estavam presentes perguntaram ao devoto porque ele tinha feito aquilo. Ele respondeu: “Eu causei dor a Ela de propósito enquanto a saudava para que Ela se lembre de mim enquanto a dor durar”.

O Dr. Kanjilal era discípulo e médico da Mãe. Um dia, a esposa dele rezou à Mãe: “Mãe, por favor dê suas bênçãos para que os ganhos de meu marido aumentem”. A Mãe respondeu sem rodeios: “Você quer que eu deseje que as pessoas fiquem doentes e que sofram? Com certeza, jamais poderei fazer isso. Rezo para que todos possam estar bem, para que estejam todos felizes”.

Seu amor inegoísta era derramado sobre todos aqueles que iam até Ela por socorro, independente de casta ou credo, mérito ou demérito. Ela os ajudava com comida, roupas ou remédios, de acordo com a necessidade. Enquanto Ela estava em Koalpara, uma mulher de baixa casta veio aflita até Ela buscando por sua ajuda. Ela havia sido descartada por seu amante, por quem havia deixado sua própria casa, e agora estava completamente indefesa. A Santa Mãe mandou chamar o homem e gentilmente o repreendeu: “Veja, ela abandonou tudo por sua causa. E você aceitou os serviços dela por muito tempo. Será um grande pecado você rejeitá-la agora, não haverá espaço para você nem mesmo no inferno”. O casal se reconciliou.

Muitos muçulmanos viviam em uma aldeia perto de Jayrambati chamada Shiromanipur. Eles sobreviviam do cultivo de bicho-da-seda. Quando seus negócios falharam por causa da competição estrangeira, muitas pessoas perderam seus empregos

e se voltaram ao crime para se sustentarem. Quando a casa nova da Mãe estava sendo construída em Jayrambati, os monges contrataram mão-de-obra muçulmana ali de perto. Os residentes de Jayrambati ficaram com medo no começo, mas depois ficaram impressionados com a transformação. A Mãe os alimentava e ajudava nos problemas econômicos. Os residentes comentavam: “Vejam, aqueles ladrões se tornaram devotos devido à graça da Mãe”.

Um discípulo da Mãe escreveu: “Os pobres daqui sofrem quando a Mãe não está em Jayrambati. Quando está aqui, Ela compra leite, legumes e frutas que os residentes cultivam em seus campos. Assim, eles ganham um pouco de dinheiro. Mas, quando a Mãe vai para Calcutá, eles não podem vender os produtos. Por este motivo é que a Mãe visita Jayrambati”. Ela era uma garota da aldeia e por isso não gostava muito da vida sofisticada da cidade de Calcutá. Ela gostava de circular livremente em sua aldeia, mas quando estava lá, tinha que resolver os problemas das famílias de seus irmãos.

Algumas doenças são curadas naturalmente pelo sistema humano, mas o remédio de um médico pode curá-las mais rápido. Da mesma maneira, embora o tempo cure muitas coisas, as almas iluminadas têm o poder de resolver as dificuldades humanas pronta e decisivamente. A Santa Mãe era simples e pura, amorosa e cuidadosa, inegoísta e compassiva, tolerante e que concede o perdão. Todos se sentiam a salvo e seguros na presença dela.

Swami Ishanananda nos contou como a Santa Mãe aliviou a tristeza de uma pobre mulher que tinha perdido o filho jovem:

“Eu estava então morando com a Mãe em Jayrambati. Um dia, contratei uma senhora carregadora para levar algumas compras para a Mãe. Chegamos em Jayrambati às dez da manhã. Ela retirou os pacotes da cabeça e se curvou à Mãe. A Mãe a conhecia porque ela levava as bagagens de devotos de Calcutá de Koalpara para Jayrambati. A Mãe perguntou: ‘Olá, esposa de Majhi, faz tempo que não te vejo. O que aconteceu?’. Ela respondeu com a voz triste: ‘Mãe, agora estou passando por um momento muito difícil. Eu me mudei de lugar para lugar para minha subsistência, por isso seus devotos não me encontram mais para carregar suas bagagens. Poucos dias atrás, meu filho morreu, ele era o provedor da família’.”

“A Mãe respondeu: ‘Que triste notícia, querida!’. Imediatamente, os olhos da Mãe ficaram marejados. Recebendo a empatia da Mãe, a senhora chorou. A Mãe sentou em sua varanda, colocou a cabeça numa viga e começou a chorar muito. Ouvindo o choro delas, outras mulheres da casa correram até lá e assistiram a esta cena emocionante em silêncio. Assim passou um tempo. Depois, quando a emoção delas diminuiu, a Mãe pediu docemente para sua atendente trazer óleo de coco. A Mãe colocou aquele óleo no cabelo seco e desgrenhado da mulher, e o massageou com as mãos. A Mãe também prendeu arroz tufado e melaço sólido na barra da roupa dela e, enquanto se despedia, Ela disse com os

olhos marejados: ‘Por favor, venha novamente, minha filha’. Observando o rosto daquela mulher, percebi o quanto ela conseguiu de consolo com o comportamento compassivo da Mãe.”